

Professor pede renegociação da taxa de juros da dívida

Marco Di Pietro

O professor Flávio Versani, do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, propõe ao governo brasileiro que tome a iniciativa de negociar com os bancos credores taxas de juros fixas, tendo como parâmetro a inflação dos 24 países ricos filiados à OCDE. Disse que enquanto a inflação anual média prevista para 1984 entre esses países está em torno de 4,5 por cento, a **prime rate** e a **Libor** chegaram próximas a 13 por cento, um nível que o professor considera "anormal".

Segundo o professor, as taxas de juros persistentes no patamar de 10 por cento a partir de 1978 representam algo inédito na história do capitalismo. "Você pode pesquisar, desde os tempos bíblicos nunca se registraram taxas de juros elevadas durante um período tão extenso como agora". Versiani atribuiu a elevação da **prime** nos Estados Unidos, para 12 por cento nos últimos dias, "à política monetária louca do presidente Reagan".

Choques

O professor da UnB lembra que nos últimos 13 anos ocorreram dois fatos significativos para a economia mundial: o choque do petróleo, em 1973, e o choque dos juros, iniciado em 1978. Versiani afirma que a crise do petróleo foi minimizada na medida em que os árabes transferiram para bancos europeus e americanos seus polpudos superávits comerciais, e os banqueiros reemprestavam esses dólares aos países do Terceiro Mundo importadores de petróleo.

O segundo choque, o dos juros, ainda está para ser resolvido, segundo o professor. "Dificilmente o Brasil conseguirá fechar mais um **jumbo**". "A política de empurrar com a barriga não é mais viável, a não ser que você imagine que seja possível tornar a economia brasileira em alguma coisa do tipo Hong Kong, com uma política econômica totalmente voltada para excedentes exportáveis, mas a população brasileira não admite isso", observa.

Tabela Price

O professor Versiani assinala que a opção de renegociar a dívida no sentido de procurar prazos mais longos, mantendo as taxas de juros intocáveis não é a solução.

E exemplifica: "Pegue uma Tabela Price e imagine que você vai pagar a dívida de US\$ 100 bilhões por esse esquema. Vamos calcular o quanto vai ter que pagar por ano a uma taxa entre 10 e 13 por cento. Fazendo isso, chegaremos à seguinte conclusão: a quantia a ser paga será de US\$ 10-15 bilhões por ano, em um prazo de 20 anos. Então você diz: quero pagar em 40 anos. Ao invés de 14 a prestação passa a ser 12. Se você jogar para 80 anos, você paga onze. Espichar o prazo não vai resolver nosso problema."

"Continuaremos com a Tabela Price: Se baixarmos as taxas de juros de 12-13 por cento, o patamar atual, para 4-6 por cento ao ano, aí sim, as coisas começam a melhorar. As prestações, por esse suposto, iriam cair para alguma coisa mais manejável em termos de balanço de pagamentos brasileiros". Versiani reconhece que o problema da dívida externa brasileira é estrutural e passível de solução a longo prazo. Mas essa solução — enfatiza — passa, inevitavelmente, por uma renegociação das taxas de juros, tornando-as mais baixas.

"É evidente — lembra Flávio Ver-



Flávio Versiani acha que renegociar dívida é pouco

siani —, que nenhum banqueiro vai baixar a taxa de juros por iniciativa própria. Seria ingenuidade pensar que o banqueiro vá dizer: olha, eu resolvi reduzir a taxa... isso é improvável."

"Qual seria, então, o esquema que deveria ser implementado, para uma solução a longo prazo?", pergunta o professor, para ele próprio responder, em seguida: "Do ponto de vista técnico é um problema aparentemente fácil de ser resolvido, do ponto de vista global de todos os países devedores. Já foi sugerida, inclusive, a formação de um órgão financeiro no âmbito do Banco Mundial, que assumiria a dívida dos países subdesenvolvidos e pagaria depois aos banqueiros".

"O grande problema — acrescenta Versiani — é saber quem vai implementar esse plano, e como implementá-lo. Esse esquema me parece ingênuo em termos políticos, embora seja aparentemente perfeito de lado técnico. Você vai esperar que o Fundo Monetário Internacional mude toda a sua concepção, que o governo norte-americano tome uma iniciativa para resolver o problema? A questão da dívida não é grave para os EUA. O Reagan está mais preocupado com sua reeleição. E todos

sabemos que o que pesa mais no governo americano são as questões internas".

"Não se justifica ficarmos aqui trabalhando duro, bem comportados, esperando que alguma coisa caia do céu, e que alguém tome a iniciativa. A iniciativa tem que partir de nós".

Finaliza o professor: "Tem que ser tomada providência no sentido de, fundamentalmente, desenvolver um esquema de pagamento que envolva uma taxa de juros razoável. Nos últimos 20 anos, quais as taxas que prevaleceram no mercado financeiro internacional? Taxas de juros reais da ordem de 4-5 por cento. Os banqueiros viveram muito bem e estavam satisfeitos com isso. De repente, as taxas de juros reais subiram a um patamar de duas ou três vezes superior. Por que a gente tem que aceitar? Isso não está na ordem natural das coisas".

"Haveria que ter um tipo de arranjo, evidentemente sem envolver prejuízo para os credores, de forma a tornar possível o pagamento por parte dos devedores. Naturalmente teriam que ser na base de taxas de juros fixas, a um nível que remunerasse os banqueiros, da ordem de 4 por cento".